

O bicho-papão da alfabetização

por Ananda Coomaraswamy

Tradução do inglês de Alberto V. Queiroz

Ensaio extraído de *The Bugbear of Literacy*, publicado por Perennial Books Ltda, Grã-Bretanha, 1979.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do presente ensaio sem autorização dos detentores dos direitos autorais.

O bicho-papão da alfabetização

(escrito nos anos 1940)

por Ananda Coomaraswamy

Partindo da premissa de que um homem que é efetivamente culto pode também aprender a ler e escrever, foi possível a Aristóteles¹ perguntar se há necessariamente uma relação entre o nível cultural de um homem e seu domínio da leitura e da escrita. Essa questão dificilmente se coloca entre nós, para quem o analfabetismo implica, de maneira óbvia, a ignorância, o atraso, a incapacidade para governar a si mesmo: para nós, povos iletrados são povos incivilizados, e vice-versa — como diz recente propaganda de uma editora: “A maior força da civilização é a sabedoria coletiva de um povo alfabetizado.”

Este ponto de vista tem suas razões: elas estão indissoluvelmente ligadas à distinção entre um povo ou nação e um proletariado, entre um organismo social e um amontoado de formigas humanas. Para um proletariado, a alfabetização é uma necessidade prática e cultural. Note-se de passagem, contudo, que as coisas necessárias nem sempre são um bem

1. *Metafísica*, VI: 2, 4, e XI: 8, 12. “Ler, para um homem desprovido de prévio entendimento, é como um homem cego se olhar no espelho” (*Garuda Purâna*, XVI: 82).

em si mesmas, fora de seu contexto; algumas, como pernas de pau, por exemplo, são vantajosas somente para homens já mutilados. Seja como for, o fato é que a leitura e a escrita são *para nós* uma necessidade, e isto sob dois pontos de vista: em primeiro lugar, porque nosso sistema industrial só pode ser operado, e bens só podem ser produzidos, por homens dotados de pelo menos um conhecimento elementar da leitura, da escrita e da aritmética; e, em segundo lugar, porque onde não há mais uma ligação necessária entre nossa “habilidade” para a realização de um trabalho (agora mais uma “economia de movimentos” poupadora de tempo do que um domínio do produto) e nossa “sabedoria”, o possível bom nível cultural de cada um depende principalmente de sua capacidade de ler os melhores livros. Dizemos “possível” porque, uma vez que a habilidade efetivamente produzida por uma educação de massas compulsória frequentemente envolve pouco ou nada mais que capacidade e vontade de ler jornais e anúncios, sob essas condições um homem efetivamente culto será aquele que tenha estudado muitos livros em várias línguas, e esse não é um tipo de conhecimento que possa ser distribuído a todos sob “compulsão” (mesmo que *alguma* nação dispusesse da necessária quantidade e qualidade de professores) ou que possa ser adquirido por qualquer um, por mais ambicioso que seja.

Concordamos que nas sociedades industriais, onde se parte do princípio de que o homem é feito para o comércio e onde os homens são cultos, se o são, mais “apesar” do que “por causa” de seu meio, a leitura e a escrita são qualificações necessárias. Disso segue-se naturalmente que, se planejamos industrializar o resto do mundo (partindo do princípio de que “a desgraça quer sempre companhia”), temos também o

dever de treiná-lo em inglês básico, ou coisa semelhante — o inglês americano, aliás, já é uma língua de relacionamentos exclusivamente superficiais, uma língua do homem de negócios —, para que os outros povos não sejam impedidos de competir conosco. A competição é a alma do negócio; gângsters precisam de rivais.

Neste ensaio, contudo, estamos preocupados com uma questão diferente: a suposição de que a leitura e a escrita são “bens incondicionais e condições indispensáveis para a cultura”² mesmo para as sociedades ainda não industrializadas. A grande maioria da população mundial ainda não está industrializada nem alfabetizada e há povos que ainda não foram “contaminados” (no interior de Bornéu, por exemplo), mas o americano comum, que não conhece outro modo de vida além do seu, julga que “analfabeto” significa “inculto”, *como se* essa maioria da população mundial constituísse somente uma classe desvalorizada no contexto desse modo de vida americano. É por isso, como também por outras razões menores não desvinculadas dos interesses “imperialistas”,

2. Walter Shewring, “Literacy”, no *Dictionary of World Literature*, 1943. “Estamos nos tornando culturalmente analfabetos mais rápido do que esses órgãos governamentais estão conseguindo nos alfabetizar no uso das potencialidades da cultura” (Robert S. Lynd, em *Knowledge for What?*). O dr. John U. Nef, de Chicago, falando na Universidade Hamline em 1944, observou: “A despeito do alegado grande crescimento da alfabetização [nos EUA] ... a proporção das pessoas que podem se comunicar umas com as outras num discurso de nível relativamente alto se tornou muito menor do que antes.” Um recente estudo patrocinado pela Carnegie Foundation for the Advancement of Teaching descobriu que “os alunos dos anos finais em seis universidades reconheceram apenas 61 de 100 palavras de uso costumeiro por pessoas cultas”! Em vista de todos os fatos, é com efeito surpreendente ouvir Lord Raglan dizendo: “Por selvagem quero dizer analfabeto” (no *Rationalist Annual*, 1946, p.43). Houve uma época, de fato, em que a burguesia inglesa considerava os gaélicos das Terras Altas da Escócia como “selvagens”; mas, de um antropólogo seria de esperar uma refutação de tais “mitos”, não sua revivescência!

que quando nos propomos não somente explorar, mas também educar “as raças menores desprovidas da [isto é, *nossa*] lei” infligimo-lhes ferimentos profundos e frequentemente letais. Dizemos “letais” e não “fatais” porque é precisamente uma destruição de suas *memórias* que está em jogo. Nós esquecemos que a “educação” não é nunca criativa, que ela é uma faca de dois gumes sempre destruidora, detruindo seja a ignorância, seja o conhecimento, o que depende da sabedoria ou tolice do educador. É frequente tolos entrarem correndo por caminhos nos quais anjos temeriam simplesmente por o pé.

Também contra o preconceito complacente, devemos tentar mostrar (1) que não há nenhuma ligação necessária entre a cultura de um homem e seu domínio da leitura e da escrita e (2) que impor nossa necessidade de ler e escrever a povos cultos mas analfabetos é destruir sua cultura em nome da nossa. Para sermos breves, assumiremos sem discussão que “cultura” implica uma qualidade ideal e uma forma boa que pode ser realizada por todos os homens sem distinção de posição social: e, desde que estamos tratando principalmente da cultura expressa por palavras, devemos identificar cultura com “poesia”, tendo em vista não o tipo de poesia que hoje em dia só faz falar de campos verdes ou que meramente reflete o comportamento social ou nossas reações pessoais a eventos passageiros, mas toda aquela classe de literatura profética que inclui a Bíblia, os Vedas, o Edda, os grandes épicos e em geral os “melhores livros” do mundo, e os mais filosóficos, se concordarmos com Platão que “a maravilha é o começo da filosofia.” Muitos desses “livros” existiram muito antes de terem sido escritos, muitos jamais foram escritos e outros estão perdendo-se ou perder-se-ão.

Temos agora de fazer citações de trabalhos de homens cuja “cultura” não pode ser posta em dúvida, pois, enquanto os meramente letrados são frequentemente bastante orgulhosos de sua aptidão literária tal como ela é, somente aqueles que são “não somente letrados, mas também cultos” têm reconhecido que as “letras” são, no melhor dos casos, apenas um meio para um fim, nunca um fim em si mesmas, ou, então, que “a letra mata.” Um homem “literário”, se jamais houve algum, o falecido professor G.L.Kittredge, escreve:³ “É preciso um esforço combinado da razão e da imaginação para conceber um poeta que não sabe escrever cantando ou recitando seus versos para uma audiência que não sabe ler... A capacidade da tradição oral para transmitir quantidades enormes de versos durante centenas de anos está provada e é admitida... Dessa literatura oral — como os franceses a chamam — a educação não é amiga. A cultura a destrói, por vezes com surpreendente rapidez. Quando uma nação começa a ler... o que antes era propriedade de um povo como um todo torna-se uma herança tão-somente dos analfabetos e logo, a menos que seja colecionado por pesquisadores, desaparece totalmente.” Note-se, também, que essa literatura oral um dia pertenceu “a todo o povo... a comunidade

3. F. G. Childe, *English and Scottish Popular Ballads*, Introdução de G. L. Kittredge. Cf. W.W.Comfort, Chrétien de Troyes (*Everyman's Library*), Introdução: A poesia de Chrétien “era dirigida a uma sociedade que ainda era homogênea, e sem dúvida, no começo, todas as classes a escutavam com igual interesse.” Nada do tipo é ou pode ser realizado pela educação organizada e compulsória de hoje – “uma província em seu próprio gênero, destacada da vida”, com sua “atmosfera de intensa monotonia que amortece a vitalidade do jovem” e da qual “o resultado é: os jovens não sabem nada realmente bem”, ou, como “seria mais exato dizer, eles não sabem o que é conhecimento”, o que “explica a perigosa credibilidade que a propaganda explora” (Erich Meissner, *Germany in Peril*, 1942, pp. 47, 48).

cujos interesses intelectuais são os mesmos do topo à base da estrutura social”, enquanto que na sociedade ledora ela é acessível somente aos pesquisadores e não mais está indissoluvelmente ligada à vida cotidiana. E outro ponto importante é que as literaturas orais tradicionais interessavam não somente a todas as *classes*, mas também a todas as *faixas etárias* da população, ao passo que os livros hoje em dia escritos “para crianças” são tais que nenhuma mente madura os toleraria; hoje só as histórias em quadrinhos atraem igualmente crianças e adultos: crianças que não recebem nada de melhor e “adultos” que, precisamente, nunca cresceram.

Do mesmo modo que a literatura oral, também a música é perdida; as músicas folclóricas são esquecidas pelas pessoas ao mesmo tempo em que são colecionadas e “empacotadas”; é assim que a “preservação” da arte de um povo em museus folclóricos é um rito funerário, pois conservantes só são necessários quando o paciente já morreu. Também não devemos supor que a “música popular” pode substituir a folclórica; seu nível não pode ser mais alto que o do inglês básico no qual nossos estudantes universitários devem ser uniformemente treinados para entender ao menos a linguagem de seus textos escolares mais básicos.

Em outras palavras, “a educação universal compulsória do tipo introduzido no fim do século passado não satisfaz as expectativas produzindo cidadãos mais felizes e mais eficazes; pelo contrário, criou leitores da imprensa marrom e frequentadores de cinema” (Karl Otten). Um mestre que pode, não somente ler, mas também *escrever* em um bom latim ou grego clássico observa que “não há dúvida quanto ao aumento quantitativo de um tipo de cultura vinculada à leitura e à escrita, e, em meio à satisfação geral por algo se

estar multiplicando, as pessoas esquecem de se perguntar se esse algo é um benefício ou um malefício.” Ele está discutindo somente “os piores efeitos” da imposição do uso da leitura e da escrita, e conclui: “O aprendizado e a sabedoria foram frequentemente separados; talvez o resultado mais claro dessa moderna cultura da leitura e da escrita tenha sido a manutenção e ampliação dessa separação.”²

Douglas Hyde observa que “em vão visitantes imparciais arregalaram os olhos, surpresos, ao ver professores ingleses que não conhecem o irlandês sendo indicados para ensinar alunos irlandeses que não conhecem o inglês... Crianças inteligentes, donas de um vocabulário de uso diário de mais ou menos três mil palavras, entram nas escolas do *Chief Comissioner* para no fim saírem com sua vivacidade natural esgotada, sua inteligência quase completamente minada, seu domínio esplêndido da língua materna perdido para sempre e, em substituição, um vocabulário de quinhentas ou seiscentas palavras inglesas, mal pronunciadas e barbaramente empregadas... O conto, a balada, o poema, a canção, o aforisma, o provérbio e a bagagem única de alguém que falava o irlandês foram-se para sempre, *substituídos por nada...* As crianças são ensinadas, isto sim, a ter vergonha de seus próprios pais, de sua nacionalidade, de seus nomes... É um notável sistema de ‘educação’.”⁴ É esse mesmo sistema que vocês, americanos “civilizados e que sabem ler e escrever”, infligiram aos seus próprios índios, e que todas as raças imperialistas ainda estão infligindo aos povos a elas submetidos e gostariam de impor aos seus aliados.

O problema em questão diz respeito tanto às línguas quanto ao que nelas é falado. Quanto às línguas, tenhamos

4. Douglas Hyde, *Literary History of Ireland*, 1903, p. 633.

em mente, em primeiro lugar, que não se conhece nada de parecido a uma “língua primitiva”, no sentido de que tenha um vocabulário limitado formado somente para expressar os relacionamentos ocasionais mais simples. Muito pelo contrário, essa é, sob certas circunstâncias e como resultado de filosofias-do-nada-a-mais, antes uma condição para a qual as línguas tendem do que uma condição a partir da qual se originaram; aqui na América do Norte, por exemplo, 90% de nossa “capacidade literária” não passa de uma questão de duas sílabas.⁵

No século XVII, Robert Knox dizia dos cingaleses que “seus simples lavradores e agricultores falam com elegância, empregando sempre complementos. E não há diferença no manejo da língua e na pronúncia entre um homem do campo e um da corte.”⁶ Testemunhos abundantes apontando na mesma direção poderiam ser encontrados por todo o mundo. Assim, J.F.Campbell escreveu do gaélico: “Estou inclinado a pensar que o melhor dialeto é o falado pelos homens mais iletrados nas ilhas... homens com mentes claras e memórias maravilhosas, em geral muito pobres e idosos,

5. O inglês americano já é “uma língua pública unidimensional, uma língua voltada à descrição de aspectos externos do comportamento, fraca em matizes... nossas palavras carecem ... da precisão formal que vem da consciência de usos antigos e diferentes” (Margaret Mead, *And Keep your Powder Dry*, 1942, p.82). Qualquer autor que use as palavras com precisão é passível de ser mal-entendido. “Talvez em nenhuma outra época os homens tenham tido tanto conhecimento e contudo tenham estado tão inconscientes, tenham estado tão carregados de propósitos e sido tão despropósitos, estado tão desiludidos e sido tão completamente vítimas de ilusões. Esta estranha contradição permeia toda a nossa cultura, nossa ciência, nossa filosofia, nossa literatura e nossa arte modernas” (W.M.Urban, *The Intelligible World*, 1929, p. 172). Sob tais condições, a capacidade de ler uma página impressa se torna um mero truque, e não é nenhuma garantia de capacidade de apreender ou comunicar ideias.

6. Robert Knox, *An Historical Relation of Ceylon*, 1681 (edição de 1911, p. 168).

vivendo em lugares remotos de ilhas remotas, falando somente o gaélico”⁷; e ele cita Hector MacLean, que diz que a perda de sua literatura oral deve-se “em grande parte à leitura... em parte às ideias religiosas intolerantes e em parte a visões utilitárias estreitas” — que são, precisamente, as três formas típicas por meio das quais a civilização moderna põe sua marca sobre as culturas mais antigas. Alexander Carmichael diz que “o povo de Lews, assim como em geral o povo das regiões montanhosas e das ilhas da Escócia, traz as Escrituras na mente e as emprega em sua fala... Talvez nenhum povo tenha uma coleção mais completa de cantigas e histórias, de ritos velhos de séculos e de cerimônias religiosas... que os mal compreendidos e ditos iletrados montanheses da Escócia.”⁸

7. J. F. Campbell, *Popular Tales of the West Highlands* (edição de 1890, pp. v, xxiii, cxxii).

8. Alexandre Carmichael, *Carmina Gadelica*, Vol I, 1900, pp. xxiii, xxix. Cf. J.G.Mackay, *More West Highland Tales*, 1940, Prefácio Geral: “As classes mais pobres em geral falam a língua admiravelmente ... Alguns recitaram milhares de linhas de antigos poemas heroicos ... Outra causa do caráter fragmentário de alguns contos é o efeito obliterador da civilização moderna”; e J. Watson, *ibid.*, Introdução: “Esta herança intelectual ... esta cultura antiga se estendia na Escócia por todas as terras do norte e pelo norte das terras médias. O povo que possuiu esta cultura pode ter sido, e usualmente era, iletrado. Estavam longe de ser incultos. É triste pensar que sua decadência se deveu em parte às escolas e à Igreja!” É, de fato, precisamente por meio das “escolas e da Igreja” que a decadência de culturas em todo o mundo foi acelerada nos últimos cem anos. H.J.Massingham em *This Plot of Earth* (1944, p.233) conta do “velho homem, Seonardh Coinbeul, que não sabia ler nem escrever e carregava em sua mente 4.500 linhas de sua própria composição bárdica, junto com todo o tipo de canções e histórias.”

A. Solonylsin em *Asiatic Review* (NS. XLI, ja., 1945, p.86) observa que o registro do épico quirguiz ainda está incompleto, embora cerca de 1.100.000 linhas já tenha sido coletadas pelo Instituto de Pesquisa Quirguiz – “bardos que recitam o ‘Manas’ – ou ‘Manaschi’ – têm memórias fenomenais, além do talento poético. Somente isto pode explicar o fato de que centenas de milhares de versos tenham

St. Barbe Baker nos conta que na África Central “meu amigo de confiança era um ancião que não sabia ler e escrever, embora fosse bem versado nas histórias do passado... Os velhos chefes escutavam fascinados... Com o atual sistema educacional há um sério risco de que uma boa parte disso venha a se perder.”⁹ W.G.Archer aponta para o fato de que “à diferença do sistema inglês, no qual poder-se-ia passar a vida sem ter contato com a poesia, o sistema tribal de Uraon usa a poesia como um apêndice vital para a dança, o casamento e o cultivo — funções em que os uraonianos se juntam como parte de sua vida tribal”, acrescentando que “se tivermos de assinalar o fator que causou o declínio da cultura aldeã inglesa, teríamos de dizer que foi a alfabetização.”¹⁰ Em uma Inglaterra mais antiga, como nos lembram Prior e Gardner, “mesmo o homem ignorante e iletrado podia ler o significado de esculturas que hoje só arqueólogos treinados podem interpretar.”¹¹

O antropólogo Paul Radin assinala que “a distorção em nossa vida psíquica como um todo e em toda nossa percepção das realidades externas produzida pela invenção do alfabeto, cuja tendência tem sido elevar os pensamentos e o pensar à categoria de provas exclusivas de todas as verdades,

seido transmitidos oralmente.” Um escritor que fazia uma resenha de *Manas, Kirghiski Narodni Epos* no *Journal of American Folklore*, 58, 1945, p. 65, observa que “a educação geral já fez muito para remover a razão de ser da posição do menestrel na vida tribal ... Com a aculturação se tornando um carro de Jagrená [= objeto de devoção cega, N. do T.] em movimento, não é de surpreender que o que resta do canto épico possa logo degenerar num mecanismo de publicidade artificial e ostensivamente nacional.”

9. R. St. Barbe Baker, *Africa Drums*, 1942, p. 145.

10. W.G.Archer, *The Blue Grove*, 1940, Prefácio; e em JBORS, Vol. XXIX, p. 68.

11. Edward Schröder Prior e Arthur Gardner, *An Account of Medieval Figure-Sculpture in England*, 1912, p. 25.

nunca ocorreu entre povos primitivos”, acrescentando que “deve-se reconhecer explicitamente que tanto em temperamento como em capacidade para o pensamento lógico e simbólico não há diferença entre o homem civilizado e o primitivo” e, quanto ao “progresso”, que em etnologia nenhum progresso será jamais realizado “até que os acadêmicos se livrem de uma vez por todas da curiosa noção de que tudo possui uma história evolucionária; até que eles percebam que certas ideias e certos conceitos são tão definitivos para o homem”¹² quanto sua constituição física. “A distinção entre povos em um estado natural e povos civilizados já não pode ser mantida.”¹³

Até agora só consideramos as opiniões de homens letrados. Uma situação e um ponto de vista realmente “selvagens” foram registrados nas Novas Hébridas por Tom Harrison. “As crianças aprendem escutando e observando... Sem a escrita, a memória é perfeita, a tradição exata. À medida que a criança cresce, é-lhe ensinado tudo o que se conhece... Coisas imponderáveis cooperam em todo esforço de produção, da concepção de uma canoa até sua construção... As canções são uma forma de contar histórias... O arranjo e o conteúdo dos milhares de mitos que toda criança aprende (frequentemente palavra por palavra, e uma história pode durar horas) são toda uma biblioteca... os ouvintes são mantidos em uma teia de palavras”; eles conversam “com uma precisão e um padrão de beleza nas palavras que nós já perdemos.” E o que eles pensam de nós? “Os nativos aprendem facilmente a escrever depois do impacto branco. Eles con-

12. Paul Radin, *Primitive Man as Philosopher*, 1927.

13. J. Strzygowski, *Spüren indogermanische Glaubens in der bildenden Kunst*, 1936, p. 344.

sideram a escrita algo curioso e inútil, e perguntam: ‘Um homem não pode lembrar e falar?’”¹⁴ Eles nos consideraram “loucos”, e podem estar certos.

Quando partimos para “educar” os habitantes dos Mares do Sul, é em geral a fim de torná-los mais úteis para nós (este foi reconhecidamente o começo da “educação inglesa” na Índia) ou de “convertê-los” para a nossa maneira de pensar; não tendo em vista, é claro, dar-lhes a conhecer Platão. Mas se nos acontecesse, ou a eles, de encontrar Platão, surpreender-nos-ia descobrir que seu protesto “um homem não pode lembrar?” é também o dele.¹⁵ “Pois”, diz ele, “esta invenção [as letras] produzirá o esquecimento nas mentes daqueles que aprenderem a usá-la, visto que eles não exercitarão sua memória. Sua confiança na escrita, produzida por sinais externos que não são parte deles, desencorajará o uso de sua própria memória dentro deles mesmos. Vocês inventaram um elixir *não para a memória, mas para a lembrança*; e vocês oferecem aos seus pupilos uma aparência de sabedoria, não a verdadeira sabedoria, pois eles lerão muitas coisas sem que lhes tenha sido ensinado e darão a impressão de saber muitas coisas [o “cada vez mais sobre cada vez menos” do Prof. E.K.Rand], quando na verdade serão em sua maior parte ignorantes e difíceis de lidar, visto que serão, não sábios, mas sabichões.” E ele continua para dizer que existe outro tipo de “palavra”, de uma origem mais elevada e de um poder maior que o da palavra escrita (ou, como diríamos, da impressa); e afirma que o homem sábio, “*quando a sério*, não escreverá com tinta” palavras mortas que não podem ensinar efetivamente a verdade,

14. Tom Harrisson, *Savage Civilisation*, 1937, pp. 45, 344, 351, 353.

15. Platão, *Fedro*, 275, f. Cf. H. Gauss, *Plato's Conception of Philosophy*, 1937, pp. 262-5.

mas semeará sementes de sabedoria em almas que estejam aptas para recebê-las e assim “transmiti-las para sempre.”

Não há nada de estranho ou peculiar no ponto de vista de Platão; é um ponto de vista com o qual, por exemplo, todo hindu culto não contaminado pelas influências europeias modernas concordaria totalmente. Como diz Sir George A. Grierson, o grande acadêmico das línguas indianas, “o antigo sistema indiano, mediante o qual a literatura é registrada, não no papel, mas na memória, e transmitida de geração em geração de professores e alunos, ainda está (1920) completamente vivo em Caxemira. As tábuas vivas do coração são frequentemente mais confiáveis que manuscritos em casca de vidoeiro ou em papel. Os recitantes, mesmo quando doutos pânditas, tomam o máximo cuidado para transmitir as mensagens palavra por palavra”, e registros obtidos de contadores de história profissionais são assim “sob certos aspectos, mais válidos do que qualquer original escrito.”¹⁶

Do ponto de vista indiano, só se pode dizer que um homem *conhece* aquilo que ele conhece *de cor*¹⁷: daquelas coisas de que ele só consegue se lembrar através da consulta a um livro ele meramente “tem conhecimento”. Mesmo hoje existem centenas de milhares de indianos que diariamente repetem de cor seja a totalidade, seja uma grande parte do *Bhagavad Gitâ*; outros mais cultos podem recitar centenas de milhares de versos de textos mais longos. Foi de um cantor aldeão itinerante de Caxemira que ouvi pela primeira vez cantadas as *Odes* do clássico poeta persa Jalâl ud-Dîn Rûmî. Desde os tempos mais remotos, os indianos consi-

16. Sir George A. Grierson, Lallâ Vâkyâni, 1920, p.3.

17. No original, *by heart*, que significa “pelo coração” ainda mais explicitamente. [N. do T.]

deram culto, não o homem que leu muito, mas aquele que foi ensinado profundamente. É muito mais de um mestre do que de qualquer livro que pode-se aprender a sabedoria.

Chegamos agora à parte final de nosso problema, que tem a ver com as preocupações características da literatura oral e as da escrita; pois, embora não se possa traçar entre elas uma linha demarcatória nítida e fixa, há uma distinção qualitativa e temática, como entre literaturas que eram originalmente orais e aquelas que são criadas, por assim dizer, no papel — “No princípio era o VERBO”. Essa distinção é em grande parte uma distinção entre poesia e prosa e entre mito e fato. A qualidade da literatura oral é essencialmente poética, seu conteúdo é essencialmente mítico e sua preocupação diz respeito às aventuras espirituais dos heróis; a qualidade da literatura originalmente escrita é essencialmente prosaica, seu conteúdo é literal e sua preocupação diz respeito a eventos seculares e a personalidades. Ao dizer “poética” queremos dizer implicitamente “profética”, e estamos tomando como pressuposto que “poética” é uma *qualidade* — não meramente uma forma (versificada) — literária. A poesia contemporânea é essencial e inevitavelmente do mesmo calibre da prosa moderna; ambas são igualmente opiniáticas, e o melhor delas comporta uns poucos “pensamentos felizes” mais do que qualquer certeza. Como diz uma famosa glosa, “a incredulidade é para a turba”. Nós, que podemos dizer que uma arte é significativa sem saber significativa do quê, somos também orgulhosos do “progresso” sem saber para onde nos leva.

Platão afirma que alguém que está *a sério* não escreverá, mas ensinará; e que, se o sábio escreve, ele o faz seja por diversão — meras “*belles lettres*” —, seja para providenciar lembretes para si mesmo quando sua memória estiver enfraquecida pela

idade. Sabemos exatamente o que Platão entende pelas palavras *a sério*; não é com relação a questões ou personalidades humanas, mas sim com relação às verdades eternas, à natureza do ser real e à nutrição de nosso lado imortal que o homem estará *a sério*. Nosso lado mortal pode sobreviver “só de pão”, mas é pelo Mito que nosso Homem Interior é alimentado; se substituímos os verdadeiros mitos pelos mitos propagandísticos de “raça”, “melhora do padrão de vida”, “progresso” e “missão civilizadora”, o Homem Interior morre de inanição. O texto escrito, diz Platão, *pode* servir àqueles cujas memórias têm-se enfraquecido com a idade. É assim que na senilidade da cultura achamos necessário “preservar” as obras-primas da arte em museus e ao mesmo tempo registrar através da escrita e assim também “preservar” (mesmo que apenas para acadêmicos) o máximo que se pode “coletar” de literaturas orais que de outro modo perder-se-iam para sempre; e isto há que se fazer antes que seja *tarde demais*.

Todos os estudantes sérios de sociedades humanas concordam que a agricultura e o artesanato são fundações essenciais de qualquer civilização, o sentido primeiro do termo “civilização” sendo o de fazer uma *casa* para si mesmo. Mas, como diz Albert Schweitzer, “nós procedemos como se não fossem a agricultura e o artesanato, mas a leitura e a escrita, o começo da civilização”, e “em escolas que são meras cópias das europeias, eles [os ‘nativos’] são transformados em pessoas ‘cultas’, isto é, que se consideram superiores ao trabalho manual e desejam seguir somente carreiras comerciais ou intelectuais... os que passam pela escola estão em sua maior parte perdidos para a agricultura e o artesanato.”¹⁸ Como disse um grande missionário, Charles Johnson de Zululand, “a ideia central

18. Albert Schweitzer, *On the Edge of the Primeval Forest*.

[das escolas missionárias] é destacar indivíduos da massa da vida nacional.”

As “figuras de pensamento” de nossos “letrados”, as noções de “cultura” (análoga a agricultura), “sabedoria” (originalmente “habilidade”) e “ascetismo” (originalmente, “trabalho pesado”), por exemplo, são derivadas das artes produtivas e construtivas; pois, como diz São Boaventura, “não há nada nelas [nessas artes] que não revele uma sabedoria verdadeira, e é por essa razão que as Sagradas Escrituras muito apropriadamente fazem uso de tais símiles.”¹⁹ Em sociedades normais, os trabalhos necessários de produção e construção são, não meros “empregos”, mas também ritos, e a poesia e a música que a eles estão associadas são uma espécie de liturgia. Os “pequenos mistérios” dos ofícios são uma preparação natural para os grandes “mistérios do reino dos céus”. Mas para nós, que não conseguimos mais pensar em termos da “justiça” divina de Platão, cujo lado social é vocacional, para nós o fato de Cristo ser carpinteiro e filho de carpinteiro é apenas um acaso histórico; nós lemos, mas não entendemos que quando se fala da matéria-prima “madeira” deve-se falar também d’Ele “através de quem todas as coisas foram feitas” como um “carpinteiro”. No melhor dos casos, interpretamos as “figuras de pensamento” clássicas não em sua universalidade, mas como figuras de linguagem inventadas por autores individuais. Onde o domínio da leitura e da escrita é reduzido a mera habilidade, “a sabedoria coletiva de um povo que lê e escreve” só pode ser uma ignorância coletiva — ao passo que “comunidades atrasadas são as bibliotecas orais das culturas antigas do mundo.”²⁰

19. *De reductione artium ad theologiam*, 14.

20. N. K. Chadwick, *Poetry and Prophecy*, 1942, Prefácio, adiante, “A experiência

O propósito de nossas atividades educacionais mundo afora é fazer nossos alunos assimilarem nossas maneiras de pensar e viver. Não é fácil para nenhum professor estrangeiro admitir a verdade de Ruskin de que só há um meio de ajudar os outros, qual seja, não treiná-los em nosso modo de vida (por mais fanática que seja nossa fé nele), mas descobrir o que eles têm experimentado fazer e estavam fazendo antes que surgíssemos, e se possível ajudá-los a fazê-lo melhor. Alguns missionários jesuítas na China, por exemplo, são de fato enviados a aldeias distantes e orientados a ganhar seu pão através do exercício de um ofício próprio do lugar — e isso durante pelo menos dois anos —, antes que tenham permissão para ensinar seja o que for. Algumas condições como essa deveriam ser impostas a todos os professores estrangeiros, seja em missões ou em escolas do governo. Como ousamos esquecer que estamos lidando com povos “cujos interesses intelectuais são os mesmos do topo à base da estrutura social”, e para quem ainda não se fez a distinção entre ensino religioso e secular, belas artes e artes aplicadas, significação e uso? Quando introduzimos tais distinções e separamos uma classe “estudada” de uma classe “iletrada”, é para esta última que devemos nos voltar se quisermos estudar a linguagem, a poesia e toda a cultura desses povos, “antes que seja tarde demais”.

Falando de uma “fúria proselitista” em um artigo anterior, eu tinha em vista, não somente as atividades de missionários professos, mas mais genericamente as de todos aqueles subjulgados pelo peso do fardo do homem branco e ansio-

de comunidades exclusivamente capazes de ler e escrever é por demais estreita.” “Sempre aprendendo, e nunca capaz de chegar ao conhecimento da verdade” (II, *Timóteo*, 3:7)!

sos por conferir as “bênçãos” de nossa civilização aos outros. Que reside por trás dessa fúria, da qual nossas expedições punitivas e “guerras de pacificação” são somente as manifestações mais evidentes? Não seria exagerado dizer que nossas atividades educacionais mundo afora (e isto inclui as reservas indígenas norte-americanas) são motivadas por uma *intenção* de destruir as outras culturas existentes. E penso que isto não se deve somente à nossa convicção da superioridade absoluta de nossa *kultur* e ao conseqüente desprezo e aversão por qualquer outra que não tenhamos entendido (ou seja, todas aquelas para as quais o motivo econômico não é decisivo), mas baseia-se em uma inveja inconsciente e profundamente arraigada da serenidade e tranquilidade que não temos como não reconhecer em pessoas que chamamos de “não-contaminadas”. Incomoda-nos que esses outros, que não são, como nós somos, nem industrializados nem “democráticos”, estejam não obstante *contentes*; sentimo-nos obrigados a descontentá-los, e especialmente a descontentar suas mulheres, que podem aprender conosco a trabalhar em fábricas ou a encontrar uma profissão. Usei há pouco a palavra *kultur* deliberadamente, pois não há muita diferença entre o desejo dos nazistas de forçar sua cultura sobre as raças atrasadas do resto da europa e nossa determinação de forçar nossa própria sobre o resto do mundo; os métodos empregados no caso deles podem ser mais evidentemente brutais, mas o tipo de desejo envolvido é o mesmo.²¹ Como sugeri

21. A “educação” moderna imposta a culturas tradicionais (p. ex., gaélica, indiana, polinésia, índia americana) é somente menos deliberadamente, não menos efetivamente, destruidora do que a destruição nazista das bibliotecas polonesas, que tinha por objetivo apagar a memória racial daquele povo; os alemães agiram conscientemente, mas nós que anglicizamos, ou americanizamos, ou afrancesamos somos levados por um rancor que não reconhecemos e que não

acima, o fato de que “a desgraça quer sempre companhia” é a verdadeira e inconfessada base de nosso desejo de criar um novo e magnífico mundo de mecânicos uniformemente treinados na leitura e na escrita. Isso foi recentemente repetido para um grupo de jovens trabalhadores norte-americanos, um dos quais respondeu: “Haja infelicidade!”

Mas, por mais que estejamos superando nosso próprio medo quando nos orgulhamos de nossa “sabedoria coletiva de um povo alfabetizado” sem nos perguntarmos o que é lido pelos “alfabetizados”, a preocupação principal deste ensaio diz respeito não às limitações e defeitos da educação ocidental *in situ*, mas à difusão de uma educação desse tipo em outros lugares. Nossa real preocupação é com a falácia envolvida na atribuição de um valor absoluto ao conhecimento e ao uso da leitura e da escrita, e com as consequências verdadeiramente perigosas que estão envolvidas no estabelecimento desse conhecimento e uso como um padrão para medir as culturas dos povos iletrados. Nossa fé cega neste nosso instrumento não somente nos obscurece o significado de outras qualificações — de modo que não nos preocupamos com as condições sub-humanas sob as quais um homem pode ter de ganhar sua vida contanto que ele possa ler, não importa o quê, em suas horas de lazer —, ela é também uma das bases fundamentais do preconceito racial e torna-se um fator de primeira ordem no empobrecimento espiritual de todos os povos “atrasados” que nos propomos a “civilizar”.

confessaríamos. Esse rancor é, de fato, nossa reação a uma superioridade de que nos ressentimos e que, portanto, gostaríamos de destruir.